

AS HIPÓTESES CONSTRUÍDAS SOBRE A LEITURA E ESCRITA DURANTE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA



LÍVIA BENFATTI MORGADO DE SOUZA

Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Universidade do Grande ABC - UNIABC - 2010;
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Universidade do Grande ABC - UNIABC - 2012;
Professora de Educação Infantil - no CEU CEI São Rafael e CEU EMEI Prof. Roque Spencer Maciel de Barros.

RESUMO

As hipóteses construídas sobre a leitura e a escrita durante o processo de alfabetização em uma abordagem construtivista destacam o papel ativo da criança na construção do conhecimento. Em vez de aprender de maneira linear, as crianças passam por diferentes fases, desde a pré-silábica até a alfabética, formulando e testando hipóteses sobre a relação entre letras, sons e significados. Esse processo envolve não apenas a decodificação, mas também o uso de estratégias cognitivas, como seleção, antecipação, inferência e verificação, que permitem a compreensão profunda do texto. A literatura infantil desempenha um papel crucial, proporcionando à criança contato com textos significativos e familiarizados, o que facilita a revisão e a construção de novas hipóteses. O educador, dentro dessa abordagem, atua como mediador, oferecendo oportunidades para que as crianças explorem suas hipóteses em um ambiente que valoriza a experimentação, a reflexão e o prazer pela leitura e escrita. Em suma, o processo de alfabetização construtivista valoriza a criança como protagonista do seu aprendizado, promovendo o desenvolvimento de competências que vão além da simples leitura e escrita, integrando a compreensão crítica e a construção de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Processos de aquisição da língua e escrita; Hipóteses de escrita; Abordagem Construtivista; Conhecimento.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização, entendido como uma etapa fundamental na formação do ser, tem sido amplamente estudado à luz das contribuições de Emília Ferreiro (1989). Para que os educadores possam intervir de maneira eficaz e promover atividades que ampliem o conhecimento

das crianças, é essencial compreender as hipóteses que elas constroem sobre a leitura e a escrita. Essa compreensão permite que o ensino seja mais significativo e alinhado às necessidades e ritmos individuais. Como destaca Jolibert (1994, p. 15), "Não se ensina uma criança a ler e escrever: é ela quem se ensina, com nossa ajuda, a de seus colegas, dos diversos instrumentos da sala, mas também dos pais e de todos os leitores encontrados". Dessa forma, o papel do educador é o de facilitador, criando um ambiente propício para que a criança desenvolva suas próprias estratégias e descubra o prazer pela leitura e escrita.

AS HIPÓTESES CONSTRUÍDAS SOBRE A LEITURA E ESCRITA DURANTE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA

A primeira forma de expressão escrita da criança é, na verdade, o desenho. Segundo Emília Ferreiro (1989), a criança inicia esse processo utilizando garatujas – rabiscos que, à primeira vista, podem parecer desordenados, mas que, para a criança, já possuem um significado profundo. Essas garatujas representam o início da tentativa da criança de comunicar algo, de organizar seu pensamento e dar sentido ao mundo à sua volta.

Nessa fase inicial, o desenho é uma forma de linguagem, uma maneira de expressar ideias, emoções e observações, muito antes de a criança compreender as convenções da escrita formal. À medida que a criança amadurece cognitivamente e interage com seu ambiente, esses traços vão gradualmente adquirindo formas mais estruturadas, aproximando-se das representações simbólicas que fazem parte do processo de alfabetização.

O desenho, portanto, não é apenas um estágio preparatório para a escrita, mas uma parte essencial do desenvolvimento da linguagem escrita. Através dele, a criança começa a entender que pode representar o que vê, sente ou imagina, e, gradualmente, esses rabiscos se transformam em formas que se assemelham a letras, palavras e, posteriormente, frases. Nesse processo, o desenho e a escrita se intercalam, com a criança dando significado tanto aos traços quanto às palavras que cria.

Ao valorizar o desenho como uma etapa importante no processo de alfabetização, o educador ajuda a criança a construir seu entendimento sobre o papel da linguagem escrita como uma ferramenta de comunicação. Nesse sentido, é importante proporcionar à criança um ambiente rico em estímulos visuais e verbais, permitindo que ela explore suas habilidades gráficas e compreenda que o desenho e a escrita são formas complementares de expressão.

Durante a fase pré-silábica, a criança ainda não faz a associação entre a escrita e a fala, mas já começa a explorar a imitação da escrita adulta, tentando reproduzir os traços e formas que observa. À medida que a criança avança no processo, surgem as hipóteses silábicas, em que ela passa a associar letras a sons, ainda que de forma inconsistente. Nessas fases iniciais, a escrita silábica pode se manifestar de diferentes maneiras: algumas crianças usam várias letras para tentar representar uma sílaba, ajustando posteriormente a leitura. Outras crianças percebem que a escrita deve ter um número mínimo de letras, enfrentando dificuldades ao escrever palavras monossílabas

e dissílabas, pois acreditam que não é possível representá-las com tão poucas letras.

Ao vivenciar situações reais de leitura e escrita, a criança começa a perceber que as letras correspondem a sons específicos. Esse avanço, conhecido como hipótese silábica com valor sonoro, indica que a criança está começando a usar de maneira mais coerente as letras nas palavras que escreve. Nesse estágio, ela formula a hipótese de que cada letra representa uma sílaba (FERREIRO, 1989, p. 20), o que marca um importante ponto no processo de alfabetização.

A fase silábico-alfabética é um marco importante no processo de alfabetização, caracterizando-se como um momento de transição no qual a criança começa a compreender que, para representar uma sílaba, pode ser necessário utilizar mais de uma letra. Nessa etapa, é comum observar uma alternância entre o uso de uma ou duas letras para representar sílabas, o que reflete o processo de reflexão e o conflito interno que a criança vivencia ao articular as hipóteses silábica e alfabética. Esse momento de oscilação é fundamental, pois indica que a criança está construindo novas relações entre a fala e a escrita, aproximando-se cada vez mais da compreensão do sistema alfabético de forma mais ampla e consistente.

Para potencializar esse processo, é essencial que o educador ofereça à criança oportunidades de interação com textos familiares, como histórias lidas em grupo ou poesias. Essas atividades permitem que a criança, ainda em processo de alfabetização, utilize a memória e o conhecimento parcial que já adquiriu sobre as sílabas e o texto para "ler" de forma significativa. A leitura compartilhada em duplas, por sua vez, torna-se uma estratégia poderosa, pois promove a troca de ideias, incentiva a cooperação e cria um ambiente de aprendizagem colaborativa, no qual os alunos podem construir conhecimentos juntos, apoiando-se mutuamente em suas descobertas e avanços. Essa prática, além de fortalecer a compreensão do sistema de escrita, estimula a confiança e o prazer pela leitura.

Quando a criança alcança a hipótese alfabética, ela se torna capaz de representar a escrita de forma convencional, estabelecendo correspondências precisas entre os sons e as letras. Esse avanço permite que ela leia aquilo que escreve, marcando um progresso significativo em sua jornada de alfabetização. No entanto, a escrita convencional é apenas uma das dimensões desse processo. Para que possamos considerar a criança verdadeiramente alfabetizada, é fundamental que ela não só domine a mecânica da escrita, mas também compreenda profundamente as marcas e nuances da língua escrita. Isso inclui a capacidade de interpretar o texto de maneira crítica e significativa, atribuindo sentido ao que lê e escrevendo de forma a comunicar suas ideias de maneira clara e eficaz. Alfabetizar-se, portanto, vai além da decodificação; envolve o desenvolvimento de uma compreensão ampla e reflexiva sobre o uso e o funcionamento da linguagem escrita em diferentes contextos sociais e comunicativos.

Esse conhecimento será gradualmente construído por meio das diversas experiências que a criança vivencia com a leitura e a escrita, e a literatura infantil desempenha um papel central nesse processo. O contato com diferentes gêneros textuais ao longo da alfabetização enriquece o repertório linguístico da criança, possibilitando que ela não apenas compreenda as particularidades da língua escrita, mas também desenvolva autonomia para criar seus próprios textos. Ao explorar diferentes formatos, estilos e narrativas, a criança amplia sua compreensão sobre as funções e es-

truturas da escrita, aprendendo a utilizar a linguagem de maneira criativa e consciente. Esse envolvimento com a diversidade textual fortalece a capacidade de leitura crítica e de expressão pessoal, consolidando a alfabetização em uma dimensão significativa e contextualizada.

É fundamental destacar que o processo de alfabetização é complexo e gradual, demandando tempo e um planejamento pedagógico intencional por parte do professor. Cabe ao educador criar um ambiente de aprendizagem rico em oportunidades, onde os alunos possam explorar, testar e revisar suas hipóteses sobre a escrita de forma ativa. Para a criança, a escrita não é apenas uma tarefa mecânica, mas um espaço de investigação e reflexão sobre a língua. É nesse processo investigativo, repleto de tentativas e descobertas, que ela constrói seu conhecimento, ajustando suas hipóteses à medida que avança na compreensão do sistema de escrita. Assim, o professor, ao promover atividades desafiadoras e significativas, atua como mediador, orientando a criança em sua jornada de construção da linguagem escrita de maneira reflexiva e autônoma.

A leitura também é iniciada com a criação de hipóteses, nas quais a criança tenta compreender o que está grafado em um texto (FERREIRO, 1989). No início, não há uma relação clara entre o escrito e o objeto representado, mas, com o tempo, a criança começa a fazer associações entre as letras e os objetos, ainda que de forma instável. Gradualmente, ela percebe regularidades na escrita e passa a reconhecer palavras como substantivos, adjetivos e verbos, e posteriormente, elementos gramaticais como artigos e preposições.

Como destacado por Kaufman et al. (1998), a leitura vai muito além da simples decodificação de símbolos. Ler é um processo cognitivo complexo que exige o uso de diversas estratégias, como seleção, antecipação, inferência e verificação. Essas estratégias são essenciais para que a criança construa o significado do texto, integrando seus conhecimentos linguísticos prévios com as informações contextuais presentes na leitura. A compreensão leitora, portanto, envolve a ativação de uma rede de habilidades cognitivas e metacognitivas, permitindo que a criança não apenas entenda o que está escrito, mas também reflita sobre o texto, faça conexões e verifique a coerência de suas interpretações. Ao estimular essas habilidades, o professor promove uma leitura mais crítica e significativa, fundamental para o pleno desenvolvimento da competência leitora.

Muitas pessoas ainda acreditam que basta conhecer as letras e os fonemas correspondentes para alcançar a leitura. No entanto, o processo é mais complexo do que isso. Antes de ler de forma convencional, a criança constrói hipóteses sobre a leitura. Segundo Ferreiro (1989), essas hipóteses de leitura referem-se às ideias que as crianças formulam sobre o que está ou não escrito em um texto e sobre o que pode ou não ser lido nele.

Inicialmente, as crianças não fazem uma relação clara entre o que está escrito e os objetos que veem. As letras, nesse estágio, não têm função de representação para elas, o que é comum em crianças muito pequenas ou em crianças que ainda não foram estimuladas a associar a escrita ao seu significado. Nessa fase, o texto escrito ainda não tem um valor simbólico concreto.

À medida que a criança se desenvolve, ela começa a criar associações entre o que vê e o que pode estar escrito. Por exemplo, ao observar a imagem de um carro, a criança pode "ler" a palavra "carro", mesmo que essa palavra não esteja efetivamente escrita. Nesse momento, ela faz

uma associação direta entre a imagem e a palavra, mas ainda não há uma relação fixa entre as letras e o objeto representado. Se a escrita da palavra "carro" for alterada, para a criança, ainda estará escrito "carro", pois a correspondência entre o texto e o objeto ainda não é estável.

Em uma segunda etapa, a criança começa a perceber regularidades na escrita. Ela já não aceita que qualquer sequência de letras possa representar um objeto específico, como no caso do carro. Nesse momento, a criança começa a entender que há uma relação mais estável entre as letras e os objetos que elas representam, o que marca um avanço importante no processo de alfabetização.

No processo de leitura, a criança inicialmente identifica substantivos nas frases, pois são essas palavras que fazem mais sentido para ela. Em seguida, ela passa a reconhecer adjetivos, verbos e, por fim, os artigos e preposições. Quando a criança atinge essa fase, ela dá um salto qualitativo em sua compreensão da leitura, pois começa a fazer uma correspondência termo a termo entre o que está sendo dito e o que está escrito, mesmo antes de ler de forma totalmente convencional.

A evolução das hipóteses de leitura, assim como das hipóteses de escrita, está diretamente ligada às oportunidades que a criança tem de contato com a escrita e a leitura. Nesse contexto, a literatura infantil desempenha um papel fundamental, pois oferece à criança a chance de interagir com textos e imagens. Ao conhecer o conteúdo de uma história ou de uma poesia, por exemplo, a criança testa e reformula suas hipóteses, o que a ajuda a avançar em seu processo de alfabetização.

Tal como no processo de escrita, a aprendizagem da leitura é complexa. Para se tornar capaz de ler, a criança precisa ser ativa na construção de significado, utilizando o que já sabe sobre a língua, como as características dos gêneros textuais, dos suportes de leitura e do sistema de escrita. Como destaca Kaufman, ninguém pode extrair informações de um texto apenas decodificando os símbolos; é necessário compreender e interpretar o que está sendo lido, conectando o novo conhecimento ao que já foi construído.

Numerosos aportes do campo da psicolingüística o ato de ler como muito mais que um mero decifrado, quer dizer a sonorização das letras. Estes trabalhos ressaltaram a importância do que aponta para o leitor: sua competência lingüística e cognitiva, seu conhecimento do tema e as estratégias que utiliza para conseguir compreender um texto, ou seja, para construir seu sentido. (KAUFMAN, et. al, 1998, p 21).

A decodificação é apenas o ponto de partida em um processo de leitura mais complexo. Além dela, o leitor utiliza uma série de outras estratégias fundamentais para alcançar uma compreensão profunda e eficiente do texto. Entre essas estratégias estão a seleção, que permite focar nos elementos mais relevantes; a antecipação, que ajuda a prever o que está por vir; a inferência, que possibilita deduzir informações implícitas; e a verificação, que assegura que as interpretações e inferências feitas ao longo da leitura estão corretas. Quando integradas, essas estratégias promovem uma leitura ativa, reflexiva e crítica, permitindo ao leitor não apenas decodificar palavras, mas construir significados de maneira autônoma e contextualizada.

A estratégia de seleção é uma habilidade essencial para a compreensão leitora, pois permite ao leitor concentrar-se nos elementos mais relevantes do texto, filtrando e descartando informa-

ções menos importantes. Esse processo ocorre de forma contínua durante a leitura, à medida que o leitor ajusta seu foco para identificar os detalhes mais úteis e significativos. Ao aplicar essa estratégia, a criança desenvolve a capacidade de organizar o conteúdo de maneira eficiente, extraíndo o que é essencial para a construção do sentido do texto. A prática da seleção, portanto, não apenas aprimora a compreensão, mas também contribui para o desenvolvimento de uma leitura mais crítica e direcionada, facilitando a interpretação e o entendimento profundo do material lido.

A estratégia de antecipação possibilita prever o que virá a seguir, com base em informações explícitas e em suposições que fazemos ao longo da leitura. Essa estratégia pode ser facilmente observada em crianças que estão iniciando o processo de leitura, pois elas tentam prever as palavras ou os eventos seguintes com base no que já conhecem.

A estratégia de inferência é fundamental para a compreensão leitora, pois permite ao leitor interpretar informações que não estão explicitamente expressas no texto. Grande parte do significado pode ser deduzida a partir de pistas contextuais, conhecimentos prévios e interações linguísticas, o que amplia a compreensão além do que está diretamente escrito. Ao fazer inferências, o leitor constrói uma leitura mais rica e aprofundada, conectando diferentes elementos do texto e integrando-os com seu repertório de experiências e saberes. Essa habilidade é crucial para que a criança desenvolva uma compreensão mais crítica e flexível da leitura, indo além da simples decodificação e alcançando uma verdadeira construção de sentido.

Por fim, a estratégia de verificação desempenha um papel crucial no processo de leitura, pois permite ao leitor monitorar e avaliar a eficácia das demais estratégias utilizadas. Por meio da verificação, o leitor confirma as suas antecipações e inferências estão corretas, garantindo que as interpretações feitas ao longo da leitura sejam coerentes com o texto. Caso necessário, essa estratégia também possibilita ajustes e revisões das conclusões, promovendo uma leitura mais precisa e reflexiva. A prática constante da verificação ajuda a criança a desenvolver uma postura autônoma e crítica diante do texto, contribuindo para uma compreensão mais profunda e consciente do que foi lido.

Essas estratégias são utilizadas de forma quase automática e simultânea durante a leitura, muitas vezes sem que o leitor tenha plena consciência de seu uso. Ao proporcionar às crianças a oportunidade de lerem textos conhecidos, oferecemos a elas um ambiente favorável para aplicar essas estratégias de maneira natural. Isso permite que construam seu conhecimento de forma ativa, através da interação com o objeto de conhecimento, com os colegas e com atividades significativas que despertam interesse e prazer, elementos essenciais para o desenvolvimento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as hipóteses construídas sobre a leitura e a escrita durante o processo de alfabetização em uma abordagem construtivista, é possível afirmar que a aprendizagem não se dá de maneira linear e mecânica. Em vez disso, trata-se de um processo ativo e dinâmico, em que a criança constrói seu conhecimento por meio da interação com o mundo que a cerca, com o texto

escrito e com as relações estabelecidas entre a fala e a escrita.

Desde a fase pré-silábica até a fase alfabética, as crianças formulam e testam hipóteses, inicialmente sem compreender a relação direta entre letras e sons, e, progressivamente, estabelecendo correspondências mais estáveis entre os grafemas e os fonemas. O papel do educador, nessa perspectiva, é o de mediador, criando um ambiente que estimule a reflexão e a exploração dessas hipóteses, proporcionando à criança experiências significativas de leitura e escrita.

É essencial compreender que o processo de alfabetização vai além da decodificação. Ele envolve o desenvolvimento de estratégias cognitivas complexas, como a seleção, a antecipação, a inferência e a verificação, que são fundamentais para a construção de sentido e para a compreensão profunda do texto. Essas estratégias não são aprendidas isoladamente, mas emergem da interação constante com diferentes gêneros textuais, suportes de escrita e, sobretudo, da vivência de situações de leitura e escrita que façam sentido para a criança.

A literatura infantil, por exemplo, desempenha um papel fundamental nesse processo, pois oferece um contexto rico e familiar que favorece a construção e a revisão das hipóteses sobre a leitura e a escrita. Ao expor a criança a textos que ela já conhece ou que fazem parte de sua rotina, o professor possibilita que ela se aproprie das convenções da linguagem escrita de forma gradativa e prazerosa.

Portanto, as hipóteses que as crianças constroem sobre a leitura e a escrita são marcos importantes no processo de alfabetização. Elas indicam não apenas o progresso individual de cada criança, mas também a necessidade de um ensino que valorize a descoberta, a investigação e o erro como parte natural do aprendizado. O sucesso nesse percurso depende de um planejamento cuidadoso, de intervenções pedagógicas adequadas e, sobretudo, de um ambiente que favoreça a curiosidade, a experimentação e o prazer pelo conhecimento.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria et al. **Psicogênese da língua escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.